

1 Coisas da Linguagem

J. Kristeva, no sempre citado livro *Le Langage, cet inconnu*, inadequadamente traduzido para o português como "História da Linguagem", enfatiza, no título mesmo, o mistério, o enigma disso que, berço em que nascemos e somos humanos, afigura-se-nos como um instrumento que usamos ao nosso bel-prazer.

O desconhecido aqui não é algo que eventualmente venhamos a conhecer: da Linguagem, não sabemos as origens, sequer podemos dizer que seja inata ou adquirida, apesar de algumas certezas teóricas que afirmam uma ou outra coisa. O que conhecemos dela não se avalia de forma quantitativa, a qual nos promete algum dia atingir o todo. Tal completude constitui um impossível: qualquer coisa, a coisa, fica fora, e permanece a contínua tentativa, buscando atingi-la. Podemos, a esse respeito, até mesmo insinuar que é isso que faz a história da humanidade.

Por ser mistério, uma ciência é incapaz de transformá-lo em um objeto como outro qualquer. A aproximação exige ciências que transponham limites e fronteiras entre o social e cada um, entre o corpo e o sofrimento e a morte, entre a vida e o sexo e o amor, entre sistemas disciplinares estabelecidos. Há sempre algo que está para além e que desperta a questão.

O nome adequado para esse entrelaçamento é necessariamente plural: Ciências da Linguagem.

Caligrama 4 traz trabalhos que, no fundo, negando ou afirmando, voltam-se para aquilo que está escrito ou que foi dito. Isto é, voltam-se para o registrado, lido ou escutado, buscando ali o faltante no registro, o incompleto.

C. Marcondes Filho expõe as proposições de Heinz Von Foerster, resumindo-as em quatro teses. Apoiadas na teoria das diferenciações, de S. Brown, e no conceito de autopoiese, de H. Maturana, as proposições constituem uma instigante retomada e transformação das teorias da percepção, das teorias comportamentais, de teorias neurofisiológicas, da lógico-matemática, de teorias da linguagem, da termodinâmica, da cibernética e outras. Esse movimento, transportado ao campo de estudos da comunicação, produz um verdadeiro abalo sísmico nas concepções tradicionais.

A contribuição de C. S. Peirce para os estudos da narrativa, é elaborada por L. S. e Souza, o que lhe permite apresentar uma interessante mirada sobre a transculturação e a crioulização, ilustrando-as com exemplos retirados da literatura do Nordeste.

É ainda a teoria de C. S. Peirce que orienta o olhar de M. B. Cimatti, ao estudar a economia da marca contemporânea. A marca, alçada à condição de signo, se torna coisa dessa linguagem heterogênea que constitui a publicidade.

As fronteiras intransponíveis entre cinema e teatro, bem como a herança teatral incorporada pelo primeiro, são expostas por S. M. O. Silva, ao pesquisar a narrativa (escritural e cênica) de Marienbad.

Os quadrinhos, uma arte seqüencial, podem realizar de modo eficaz a função de comunicação exercida pelo jornalismo. É o que propõe F. Muanis, apoiando-se nos estudos de M. de Certeau sobre os discursos cotidianos e naqueles de W. Benjamin sobre o narrador. Precede a proposta um amplo estudo sobre as relações entre cinema, fotografia e a imagem desenhada - os quadrinhos. O autor destaca Will Eisner, o introdutor do quadrinho de testemunho e os trabalhos sobre a guerra, de K. Nakasawa,^a Spiegelmam, J. Kubert, J. Sacco e M. Satrapi.

A referência a Richard. Avedon conduz M. R. Freire nessa viagem singular entre visões de espaços portugueses e brasileiros, as margens, registrando aqueles que se associaram à sua memória.

E, para não dizer que Caligrama não fala de amor, o trabalho de P. Martins Costa analisa anúncios veiculados pela revista VIP, destacando o modo pelo qual a sexualidade é parte integrante do processo de sedução do consumidor. Desenvolve essa proposta através de elementos da semiótica peirceana e dos conceitos de rivalidade e identificação, extraídos da teoria freudiana, na leitura de J. Lacan.

A pesquisa realizada por W. Costa mostra, num interessante percurso histórico através da legislação (da Igreja ou do Estado) e de publicações, algumas pouco conhecidas, os vários recursos empregados em nome da moral e dos bons costumes, para reprimir a força do estranho que amedronta: o sexo. O alvo principal é o amor do qual sofrem os anjos caídos, como Oscar Wilde.

O Arquivo contribui para a discussão sobre ficção e não-ficção nas emissões televisivas através do texto de M. Delli Carpini, atualmente Dean da Annenberg School for Communication, e B. A. Williams, do Dep. Of Political Science, da Kentucky University. O estudo foi apresentado no Congresso de Ciências Políticas, em 1991.

A retomada da polêmica é bastante atual, considerando-se, sobretudo, o momento político brasileiro.

CALIGRAMA presta homenagem a Betty Friedan, a demolidora de mitos e das idéias estabelecidas, que faleceu no dia 4 de fevereiro deste ano, ao apresentar a resenha do livro *The Fountain of Age*.